

Como citar este artigo: BERGER, Christa. Comunicação, cultura midiática e jornalismo: afinidades dissonantes. *Revista Rádio-Leituras*, Mariana-MG, v. 06, n. 01, pp. 183-199, jan./jun. 2015.

Comunicação, cultura midiática e jornalismo: afinidades dissonantes

Christa Berger¹

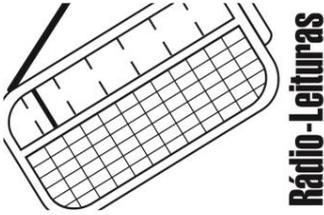
Resumo

Este texto reproduz a fala de abertura do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Ouro Preto. Concentra-se em abordar três pontos específicos. No primeiro discorre sobre a importância deste programa, enquadrando-o no cenário da pós-graduação em comunicação no Brasil. Apresenta argumentos sobre a significância de o programa ter sido idealizado como uma especificidade ao se estruturar em torno da noção de temporalidade. No segundo ponto, há a abordagem da centralidade da comunicação na sociedade, reconhecendo que o salto tecnológico dado no século XX causou impacto, principalmente, nos setores de comunicação e informação. No último ponto estabelece o valor de examinar o jornalismo em perspectiva histórica e sua adequação à revolução digital. Questiona, enfatiza e fornece exemplos sobre a necessidade de dialogar com a sociedade para, então, poder redesenhar seu lugar de fonte privilegiada da informação e mediar os acontecimentos.

Palavras-chave: Jornalismo; Temporalidade; Comunicação; Cultura Midiática

Aqui registro em texto a fala proferida quando da abertura do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Ouro Preto, em Mariana, MG, 13 de abril de 2015. A passagem do falado ao escrito, que diz de transcrição e revisão, não me parece tarefa fácil. Pierre Bourdieu faz uma longa explanação em seu livro *Coisas Ditas*, no qual reúne conferências suas para demarcar a diferença entre o discurso falado, que reage às resistências e aprovações do auditório, e o discurso escrito, que se

¹ Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS. É Doutora em Ciências da Comunicação pela USP e fez estágio de Pós-Doutorado em Teorias do Jornalismo na Universidade Autônoma de Barcelona. E-mail: christab@unisinós.br



Comunicação, cultura midiática e jornalismo: afinidades dissonantes

Christa Berger

inventa entre aquele que escreve e o que o mesmo tem a dizer. Ele termina o Prólogo com uma manifestação de desejo:

As incertezas e imprecisões desse discurso deliberadamente imprudente têm assim, como contrapartida, o tremor da voz, que é a marca dos riscos compartilhados em toda troca generosa e que, se for percebido, por menor que seja, na transcrição escrita, parece-me justificar sua publicação (BOURDIEU, 1990, p. 12).

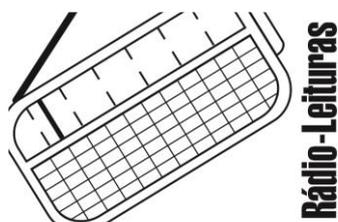
Eu também gostaria que este texto escrito guardasse o tremor da minha voz ao agradecer o convite feito pelo coordenador do PPGCOM, Frederico de Mello Brandão Tavares, meu orientando de doutorado, pelo gesto delicado que me propiciou assistir em ação sua capacidade de articular ideias e envolver pessoas em torno de projetos. E, quero agradecer, também, a recepção carinhosa dos colegas que formam parte desse primeiro colegiado.

Penso que este é um momento particularmente desafiante para tratar de comunicação e de seus estudos. De muitas direções vêm sinais e relatos de que vivemos um tempo de profundas transformações que se refletem em todas as instâncias de nossas vidas, bem como a constatação de que a comunicação, nosso campo de estudo, tem por objeto, justamente, o que está diretamente envolvido nas transformações. Parece não haver dúvidas de que a comunicação está no centro deste cenário em mutação. Como diz Muniz Sodré: “No necessário rearranjo de pessoas e coisas, a comunicação revela-se como principal forma organizativa” (2014, p. 14).

Atualmente tenho mais vontade de ouvir do que de falar, tenho apreciado ler os novos autores, participar de bancas de dissertação e tese, pois reconheço que nesses espaços se encontram formulações, percepções e soluções conceituais e metodológicas mais diretamente conectadas com o que circula na sociedade e que têm merecido a dedicação dos estudiosos.

Mas agora estou aqui para falar, deixo à vista meu lugar de fala organizando minha intervenção em três partes.

Em primeiro lugar, quero comentar como percebo o ingresso do PPG da UFOP no cenário da pós-graduação em comunicação no Brasil, para, em seguida, levantar



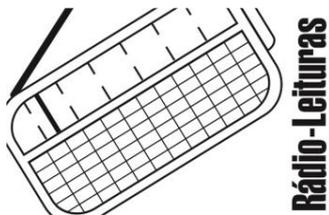
algumas pistas de reconhecimento da centralidade da comunicação na sociedade, e então me situar, na terceira parte, como pesquisadora em jornalismo que busca as conexões entre comunicação, sociedade e jornalismo.

Começo salientando a importância para a Universidade de ter aprovado pela Capes um Programa de Mestrado em Comunicação e que passa a se constituir em um projeto de vida de cada um de vocês. Para os professores, é a passagem para outro patamar acadêmico, em que são legitimados formalmente à categoria de pesquisadores, e para os que estão ingressando como alunos, penso que ao optar por realizar um mestrado em comunicação há uma indicação de vocação à pesquisa e que a experiência de aqui passar os próximos dois anos deixará marcas em suas vidas.

O PPGCOM da UFOP encontrou uma especificidade em relação aos demais ao se estruturar em torno da noção de temporalidade. Não é uma noção fácil, nem está dada sem fazer trabalhar sua conceituação. Mas, os conceitos, ensina Deleuze (que ao longo de sua trajetória foi afinando um pensamento pluralista, ontológico e afirmativo do tempo), designam tão somente possibilidades. Possibilidades que o PPGCOM assumiu como desafio para a Área de Concentração e as duas Linhas de Pesquisa. Uma primeira associação que faço entre nossas experiências – e a concepção de experiência e de diferença faz parte da problematização do tempo – é a seguinte: nos anos 1990 tínhamos quatro Programas de Pós-Graduação em Comunicação no Brasil (UFRJ, USP e PUCSP e UNB). A expansão se deu simultaneamente na direção de Minas Gerais, Bahia e Rio Grande do Sul. Eu sou desta geração que presenciou o esforço da descentralização do eixo Rio de Janeiro/São Paulo.

O que observamos desde o início do século XXI é um movimento em outra direção, que podemos chamar de interiorização da pós-graduação em comunicação. Dos quatro primeiros programas, passamos a nove com a descentralização e, hoje, com o ingresso do PPG da UFOP, que foi o último programa aprovado (mas já deve ter outro pedido em avaliação), somos 46 mestrados e 23 doutorados.

O que se observa nesse tempo agora já alargado de experiência na pós-graduação em comunicação é o esforço por dar unidade, produzir um saber que



Comunicação, cultura midiática e jornalismo: afinidades dissonantes

Christa Berger

justifique e legitime junto às instâncias formais que organizam a área – Capes, CNPq, Fundações Regionais –, mas, também, um esforço epistemológico para dar sentido a esse campo de estudo.

Observar os nomes dos programas, as opções temáticas das áreas de concentração e das linhas de pesquisa dá a ideia de um campo que se espalha por temáticas variadas, faz fronteira com muitas outras disciplinas e, ao mesmo tempo, permite captar o fio que costura a área que estamos compondo. Tratamos da comunicação como dispositivo integrado à sociedade, que constitui a cultura, que afeta os indivíduos, que é indispensável ao exercício do poder.

Quero ainda tecer um último comentário em relação ao Programa que se denomina Temporalidades da Comunicação, dividido entre duas Linhas: Práticas comunicacionais e tempo social; e, Interação e emergências da comunicação. Penso que a formulação da ideia de tempo aqui contém dois sentidos que importam à comunicação. Primeiro o de um tempo estendido que surge inspirado na região dos Inconfidentes e faz emergir a noção de memória e narrativa e, o segundo sentido, vem do tempo espremido pelas novidades tecnológicas, inspirado na região da globalização, que marca o tempo presente e nos remete a urgências, acelerações, emergências. Memória e aceleração, as Linhas apontam para a concepção de Jameson (1994), de que o estudo que diz respeito à cultura demanda um gesto teórico-metodológico de historicizar sempre, no sentido de que os textos em apreciação sejam inseridos em sequências históricas e que o trabalho interpretativo seja historicizado.

Constato que o Programa da UFOP dá conta desta orientação e, mais, que inscreve seu projeto acadêmico articulado com questões sociais pulsantes para serem estudadas pela nossa área.

Na segunda parte da exposição apresento alguns sinais que me tocam quando busco compreender a centralidade da comunicação na sociedade, como mais um indicativo da importância e do compromisso dos nossos estudos, incluído o programa de pós-graduação que hoje se inaugura.

Trago para o nosso diálogo um livro precioso do historiador Nicolau Sevcenko chamado *A corrida para o século 21 no loop da montanha-russa* (2007). Por historicizar seus objetos de estudo, ele descreve a posição privilegiada da tecnologia na caracterização e organização do tempo presente. A citação é longa, mas vou resumir a ideia geral do texto.

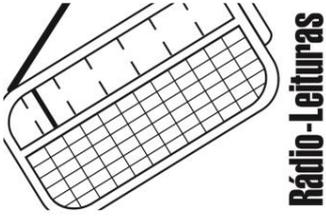
Durante todo o século XX observamos uma tendência de mudança tecnológica com efeitos multiplicativos e revolucionários sobre praticamente todos os campos da experiência humana e em todos os âmbitos da vida no planeta. Tais mudanças foram mais marcantes depois da Segunda Guerra Mundial impactando, principalmente, os setores de comunicação e informação.

O autor evidencia elementos quantitativos para provar a aceleração das mudanças e mostra como elas estão concentradas na comunicação. Somando, diz ele, todas as descobertas científicas, invenções e inovações técnicas realizadas até então pelos seres humanos, conclui-se que cerca de 80 por cento delas se deram nos últimos cem anos. Dessas, mais de dois terços ocorreram depois da Segunda Guerra Mundial.

Também apresenta um indicador da taxa de crescimento dos conhecimentos técnicos, dizendo que durante o século XX foi de 13 por cento ao ano e que, no início do século XXI, mostrava uma tendência de crescimento da ordem de 40 por cento ao ano, chegando à previsão de dobrar a cada 12 meses.

Muitos de vocês podem com facilidade acompanhar o raciocínio do autor e observar o tempo de vida do ecossistema tecnológico verificando, por exemplo, o tempo que separa a descoberta do computador para os dispositivos interativos (*tablets, laptops, smartphones e netbooks*) que o mercado despeja regularmente no mercado. Ou do tempo que separa a web 2.0 para a web 3.0 ou fazer o teste e perguntar: quem se lembra do *Orkut?*, se o *Facebook* já tem substitutos à vista.

Sevcenko oferece esses dados para analisar seus efeitos sociais, concluindo que “frente à incapacidade de prever, resistir ou entender o rumo que as coisas estão tomando, tendemos a adotar a tradicional estratégia de deixar correr. Só que no ritmo em que as mudanças ocorrem, provavelmente não teremos tempo para parar e



Comunicação, cultura midiática e jornalismo: afinidades dissonantes

Christa Berger

refletir, nem mesmo para reconhecer o momento em que já for tarde demais” (2007, p. 17).

Quero guardar essa ideia para retomá-la ao final quando vou me referir aos caminhos em curso para não deixar que se inclua no “ser tarde demais”.

Já é lugar comum nos representarmos como extensões dos meios ou estes agregados ao nosso corpo. Imagens de pessoas com fone no ouvido ou olhando na tela do seu celular rindo para si, sem interação com a natureza ou com o outro ao seu lado, ou a imagem de famílias em mesas de restaurantes – mãe e pai com seu celular ao lado do prato, e cada filho com seu *tablet* ou a competição pela lista de amigos no Facebook, que criou uma nova compreensão para relações de amizade. Ou, ainda, o bastão que faz a extensão do braço para melhorar as fotos e que tanto sucesso fez no último verão.

Essas imagens pertencem à experiência partilhada por todos, cuja síntese pode ser “o mundo é assim”. Na cultura midiática, a inteligência da nova geração está na ponta dos dedos capacitados a percorrer com desenvoltura pequenas superfícies, a dormir com o celular ao lado do travesseiro, a fazer muitas coisas ao mesmo tempo competindo cada um consigo mesmo na ânsia de fazer sempre mais e sempre mais conectado com o universo virtual.

As sociedades incessantemente receberam qualificativos para designá-las. Passando os olhos por algumas nomeações em títulos de livros ou conceitos consagrados, temos uma boa indicação de como a sociedade contemporânea é percebida: sociedade da informação, do conhecimento, da vigilância, do controle, da hipertecnologia, do hiperconsumo, do espetáculo, da transparência, do capitalismo tardio, da pós-religião, do pós-humanismo, sociedade da fadiga. Isso se revela, também, nas denominações “era do vazio, da decepção e da desorientação” que Lipovetsky deu, na sequência, em seus três livros: *A Era do Vazio*, *A Sociedade da Decepção* e *A cultura-mundo*. Ou, ainda, nos livros que Zygmund Bauman tituló como *Modernidade líquida*, *Tempo líquido*, *Vida a crédito* e *Capitalismo parasitário*.

Os conteúdos que preenchem esses nomes variam entre nos deixar paralisados, catatônicos, de olhos arregalados e perplexos ou deslumbrados, animados e satisfeitos com as possibilidades oferecidas de “participação”.

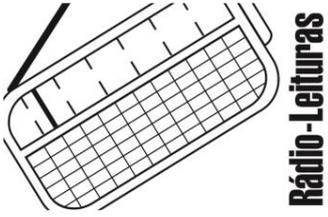
Entro agora na terceira parte da minha exposição, marcada pelo meu lugar de pesquisadora, perguntando: onde se encontra o jornalismo neste cenário inquietante de transformações, como dialoga com a sociedade e redesenha seu lugar de fonte privilegiada da informação por cobrir acontecimentos, fazer circular relatos sobre os mesmos e mediar a vida vivida?

Iniciei meu ingresso na função de professora ministrando a disciplina de teoria da comunicação. Contudo, a experiência na redação de jornal e minha formação no curso de jornalismo foram me encaminhando para a pesquisa em jornalismo. Orientei e oriento dissertações e teses que tratam do jornalismo e tenho muito orgulho de alguns trabalhos de ex-alunos que foram reconhecidos pela comunidade acadêmica, como é o caso da tese do colega Frederico Tavares, que recebeu o prêmio de melhor tese da SBPJor, em 2012.

Em uma das reformulações do projeto de Pós-Graduação da Unisinos propusemos uma, entre as quatro linhas de Pesquisa do Programa, para tratar especificamente do jornalismo. Chama-se Linguagem e Práticas Jornalísticas e diz a ementa: “Estuda os processos midiáticos e seus desdobramentos em produtos jornalísticos. Considera as rotinas produtivas, os contextos, as mensagens e a configuração de memórias na sociedade midiaticizada. Contempla as formulações teóricas específicas do jornalismo articuladas à perspectiva multidisciplinar”.

Ali nos dedicamos, por meio de nossas pesquisas individuais, dos trabalhos do grupo, das orientações e do diálogo com os colegas que também optaram por este objeto de estudo em suas interfaces com a comunicação, a formular um pensamento para examinar o jornalismo em perspectiva histórica.

Por exemplo, o projeto de pesquisa que Max Weber (2006) apresentou em 1911 no primeiro congresso da Associação Alemã de Sociologia é exemplar da importância de se conhecer o que já foi pensado sobre o tema. Ele inicia a descrição do



Comunicação, cultura midiática e jornalismo: afinidades dissonantes

Christa Berger

seu objeto de estudo argumentando que para avaliar a importância da imprensa era preciso pensar como seria a vida sem ela. E eu vou citar apenas um dos objetivos que ele apresentou: “Investigar as relações de poder, poder que advém da relação criada pelo fato de que a imprensa transforma em público determinados temas e questões. Que aspectos têm o público na atualidade, o que é que deve se tornar público através da imprensa?” É impressionante a atualidade da questão posta por ele e há que se lamentar que o projeto não tenha sido aprovado e levado adiante, pois ofereceria bons subsídios para comparações.

De lá para cá, fomos buscando, avaliando, testando, experimentando, criando diversas teorias e conceitos que identificam o jornalismo e os jornais como condição de discurso, de narrativa, de dispositivo, como uma comunidade interpretativa, como uma forma de conhecimento e, os jornalistas, pelas posições de mediadores, formadores da opinião pública, detentores do quarto poder. Em todas as perspectivas, os jornais ocupam um lugar privilegiado de reconhecimento do presente. É nos jornais que encontramos, pela seleção dos acontecimentos, pelos enquadramentos a eles conferidos, pela distribuição do espaço ou da ordem de apresentação nos telejornais, o mundo da vida cotidiana, dos sujeitos que merecem destaque. O jornalismo, como narrativa do presente dá a conhecer do seu jeito, pela cobertura dos acontecimentos miúdos de todo o dia, aquilo que naquele momento emerge como uma ruptura ou uma descontinuidade. O critério de noticiabilidade ensina que vai constar no jornal o que, por excesso, falha ou inversão interrompeu o fluxo da “vida normal”. Mas essa interrupção só faz sentido se inscrita em uma continuidade, se podemos, como leitores incluí-la na construção da história do presente. Todo o dia o jornal nos diz: “o mundo é assim”.

Porque a narrativa jornalística tem vocação ao factual e porque há um sujeito que narra em condições específicas de produção, o jornalismo é a narrativa que dá o tempo a se ver, ele capta o espírito do tempo e conquistou a hegemonia entre as narrativas que falam da vida e organizam nossos mapas cognitivos.

A minha pesquisa atual parte da constatação de que as Ciências Sociais reconhecem o lugar hegemônico da narrativa jornalística e muitos cientistas sociais têm se valido de notícias de jornal ou de regularidades produzidas por jornalistas para discorrer sobre a sociedade.

Vou expor um exemplo muito apropriado para o momento que atravessamos no Brasil. Está em *Inimigos Íntimos da Democracia* (2012), de Tzetan Todorov, que sintetizo:

Se no século XX o principal acontecimento político foi o choque entre o espírito democrático e o espírito totalitário, no século XXI nenhum modelo de sociedade diferente do regime democrático consegue se impor ou, pelo menos, se apresentar com argumentos racionais. Então, se não somos ameaçados por totalitarismos quem obstaculiza a afirmação dos princípios da democracia? Se nela se encontra a ideia de um melhoramento da ordem social e de um aperfeiçoamento graças aos esforços da vontade coletiva, por que tantos problemas para seu desenvolvimento?

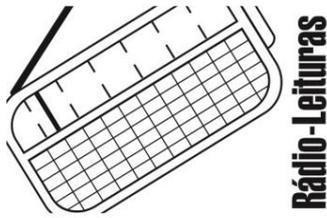
Partindo desta questão, Todorov, crítico literário, ensaísta e historiador, um pensador do mundo globalizado, nos conduz ao jornalismo. Diz ele:

a democracia produz, nela mesma, forças que a ameaçam, e a novidade de nossos tempos é que essas forças são superiores àquelas que a atacam de fora. Combatê-las e neutralizá-las é tanto mais difícil quanto mais elas invocam o espírito democrático e possuem, assim, as aparências da legitimidade (2012, p. 14).

A essas forças contraditórias, porque não provêm do exterior, ele chama de Inimigos Íntimos da Democracia. E pela onipresença na sociedade, pela aparência de legitimidade e pelo exercício do poder de nomear a vida, ele, que não estuda o jornalismo nem milita pela Democratização da Comunicação, reconhece que a ausência de pluralidade na cobertura jornalística torna a mídia a principal Inimiga Íntima da Democracia.

Destaco uma passagem em que o autor justifica localizar no jornalismo o inimigo da democracia.

Acreditamos tomar sozinhos nossas decisões, mas se todas as grandes mídias, desde a manhã até a noite e dia após dia, nos enviam a mesma



Comunicação, cultura midiática e jornalismo: afinidades dissonantes

Christa Berger

mensagem, a margem de liberdade de que dispomos para formar nossas opiniões fica muito restrita. Nossos imperativos de ação se baseiam nas informações que temos sobre o mundo: ora, tais informações, supondo-se até que não sejam falsas, foram selecionadas, triadas, agrupadas, construídas em mensagens verbais ou visuais para conduzir-nos a tal decisão em vez de a outra (TODOROV, 2012, p. 143).

Aqui podemos abrir um arquivo imenso de casos em que a cobertura jornalística assumiu e defendeu um ponto de vista como se este fosse verdadeiro, único e natural afirmando que os fatos são soberanos, que eles falam por si. E como essa informação é repetida e redundante pela circulação entre os meios, é difícil resistir a uma interpretação que se apresenta como consensual e, ao mesmo tempo, busca o consenso.

Para revelar a complexidade da nossa questão em relação ao jornalismo, que aqui está identificado como Inimigo Íntimo da Democracia, apresento um exemplo que tem sentido oposto ao, também, discorrer sobre a existência dos jornais. As críticas aos enquadramentos que o jornalismo faz dos acontecimentos, por interesses econômicos e políticos, não desmerece ou invalida a função do jornalismo conforme este exemplo que é ilustrativo da importância da mediação jornalística.

A história é contada pelo jornalista argentino Roberto Herrscher ao prestar homenagem à jornalista russa, Anna Politkovskaya, que foi assassinada em outubro de 2006, na porta de seu edifício. Ela foi morta, diz ele, por causa do seu trabalho, por tomar tão a sério sua missão de contar a verdade, por usar as ferramentas do jornalismo até suas últimas consequências, para despertar consciências, emocionar, indignar, educar, informar e golpear.

Ela é lembrada, nesta homenagem, por um episódio marcante e muitas vezes lembrado. O governo alemão convocou um grupo de jornalistas internacionais para discutir o jornalismo logo após o fatídico 11 de setembro de 2001. Na última sessão, um jornalista da rádio pública alemã Deutsche Welle traça uma crítica acirrada e demolidora dos grandes meios ocidentais. Ele dizia que esses meios “cobrem a atualidade internacional enviando paraquedistas arrogantes aos pontos quentes do globo e depois reduzem o pouco que esses enviados especiais conseguem captar a três

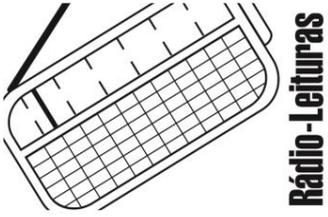
informações e quatro imagens que não ajudam o público a entender nada do que se passa. Melhor seria que não fossem, expressou o jornalista satisfeito com a sua capacidade de autocrítica”, diz o Roberto Herrscher.

Neste momento se levanta na outra ponta do salão uma senhora que começa a gesticular chamando a atenção dos tradutores de russo. No meio de uma conferência em que se falava de mortes, fome e escravidão como se fossem problemas teóricos, Anna Politkovskaya pede e implora a seus colegas que, por favor, não abandonassem a Chechenia. Ainda que fosse uma porcaria o jornalismo que faziam os grandes meios comerciais e as agências de notícias ocidentais, para uma repórter russa empenhada em contar esta guerra atroz, era questão de vida ou morte. Disse ela: “Sem esta pequena, imperfeita e muitas vezes ridícula presença nos meios fora da Rússia, os corpos e os direitos dos chechenos seriam pisoteados sem testemunhas pelas tropas a serviço de Vladimir Putin” (2009, p. 250).

As informações, insistia ela, inseridas nos jornais quase como obrigação, cheios de erros e de imperdoável ignorância ajudavam a frear os abusos de poder. Ela também avaliava que os prêmios e convites para conferências, a fama e a presença dela nos meios internacionais a protegeriam do destino de outros jornalistas mortos por dizerem o que presenciavam. Apesar de todas estas credenciais, no entanto, contradizendo sua própria percepção, nada impediu que ela fosse assassinada dois anos depois.

Ou seja, a prática do jornalismo está repleta de problemas e não impede guerras nem assassinatos, inclusive de jornalistas, mas não podemos imaginar a vida sem a circulação de informação mediada pelos jornais.

Estas são questões de fundo do jornalismo, que versam sobre as relações com o poder e do poder da linguagem. Nos últimos anos o jornalismo recebeu uma enxurrada de novas questões resultantes dos usos que as novas tecnologias ofereceram para a circulação de informações, revolucionando o processo de produção e de recepção, ao inserir os até então meros consumidores também como produtores e tornando simultâneo o acontecimento e a narrativa sobre ele.



Comunicação, cultura midiática e jornalismo: afinidades dissonantes

Christa Berger

Para muitos, Ignacio Ramonet (2012) entre eles, o impacto da revolução digital e o desenvolvimento das redes sociais “explodiu o jornalismo”.

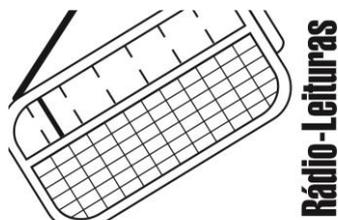
As questões em pauta, penso, passam por:

1. As dificuldades de estabelecer um novo modelo de negócio no contexto digital.
2. A mudança no cenário da informação quando as fontes podem contatar sem mediação com os cidadãos. Hoje, todas as instituições, todos os movimentos sociais, as pessoas que querem protagonismo social têm seus canais de informação, independizando-se dos meios e fazendo-se ver e ouvir.
3. As potencialidades para a apuração jornalística pelo acesso a bases de dados informatizados possibilitando a produção de reportagens investigativas e o jornalismo de precisão.
4. As consequências das informações circulando em um fluxo contínuo, ininterrupto e sem obstáculos formais.

Estas questões e outras tantas que podemos elencar configuram a chamada “crise do jornalismo” que conforme o ponto de vista salienta a crise de negócio, a crise na atividade jornalística pelas transformações em suas rotinas produtivas, a crise para os profissionais que são solicitados ao exercício de múltiplas funções e, em última instância, uma crise da “essência” da atividade jornalística que é a de mediar narrativas sobre o mundo.

Se todos podem emitir e produzir informação, o que cabe ao jornalista que até então mediava vozes do acontecimento legitimado por um lugar de fala autorizado a realizar uma narrativa na tradição que lhe conferia credibilidade?

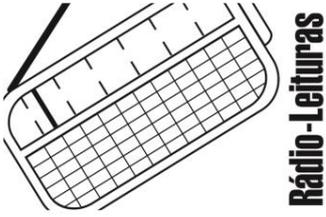
Escolhi dois exemplos das transformações em curso, sem ter a pretensão de concluir avaliando se são bons ou ruins, nem que sejam mais representativos começando por chamar o nosso jornalismo de pós-industrial, ou de pós-jornalismo, no qual a tensão entre homem x técnica, repórter x máquina, emissor x receptor dão origem a novas práticas, linguagens e organizações.



O primeiro exemplo é o do repórter robô. O jornalista e programador Ken Schwencke, do *Los Angeles Times*, escreveu um algoritmo para produzir um texto sempre que um tremor de terra ultrapassa um limite mínimo de sua magnitude. Assim, o jornal foi capaz de colocar na sua página da Internet um texto sobre o terremoto que atingiu Los Angeles, em 2014, três minutos depois de receber os dados do Serviço Geológico dos Estados Unidos. O jornalista contou que o terremoto o assustou e o fez se levantar da cama, caminhou então até o seu computador e encontrou o texto pronto. O único trabalho que teve foi o de apertar o botão para publicar no site do *Los Angeles Times*. Ele também criou um algoritmo que escreve notícias sobre criminalidade na região de Los Angeles, e disse que o robô jornalista não chegou para acabar com os jornalistas humanos, mas que é algo suplementar. Os jornalistas, segundo Schwencke, ganham tempo assim para ir às ruas e verificar se há feridos ou se algum prédio foi danificado. E cita que o texto inicial produzido pelo jornalista robô sobre o terremoto foi atualizado 71 vezes por repórteres e editores até se tornar matéria de capa no dia seguinte.

A mim esta descoberta impacta por muitas razões, mas a ideia de que uma informação possa ter sido atualizada 71 vezes durante o dia e estar disponível aos leitores é muito impressionante.

O segundo exemplo diz respeito à prática da produção noticiosa que existe à margem da grande mídia e que poderia ser comparada ao que nos anos 1970 se conheceu como jornalismo alternativo. Muitos, entre nós, estão estudando esse outro jornalismo. A Mídia Ninja ilustra o fenômeno e ficou conhecida quando da cobertura das manifestações de junho de 2013. Mostra também como existe afinidade entre um meio, um acontecimento e o tempo no qual emerge. As manifestações de rua que desde 2011 acontecem nas grandes cidades do mundo e que apareceram com mais força no Brasil em junho de 2013 têm afinidade com uma cobertura jornalística fora da grande mídia, denominada, por seus ocupantes, como “fora do eixo”. A grande mídia não só teve dificuldades em realizar a cobertura como foi motivo de crítica e enfrentamento dos manifestantes.



Comunicação, cultura midiática e jornalismo: afinidades dissonantes

Christa Berger

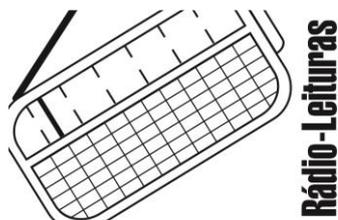
Tentando juntar os fragmentos de ideias e exemplos aqui expostos e encaminhando à conclusão, volto ao título da minha intervenção que relaciona comunicação, cultura e jornalismo no cenário midiático pelas suas afinidades que também são dissonantes. Todos fazem parte da estrutura da sociedade, são expressões do desenvolvimento social e tecnológico e afirmam que “o mundo é assim”.

Minha questão é: pode o jornalismo não cumprir o papel de inimigo íntimo da democracia? À afirmação de “o mundo é assim”, pode a comunicação mostrar que ele não precisa ser assim? Os Fóruns Sociais Mundiais, que se repetiram em Porto Alegre por muitos anos, tinham como palavra de ordem “Um Outro Mundo é Possível”. Dia desses li Boaventura de Souza Santos que participou de muitos destes fóruns, e ele dizia que hoje a consigna deve ser: “Um Outro Mundo é Necessário”.

Outra vez há caminhos e caminhos pedem escolhas.

Volto ao autor com que iniciei minha fala. Nicolau Sevcenko elaborou um Programa que ele chamou de Preventivo para responder ao efeito perverso pelo qual a precipitação das transformações tecnológicas tende a nos submeter, e para não deixar “ser tarde demais” ele propõe: “A crítica é a contrapartida cultural diante da técnica, é o modo de a sociedade dialogar com as inovações, ponderando sobre seu impacto, avaliando seus efeitos e perscrutando seus desdobramentos” (2004, p. 17). A técnica, nesse sentido, é socialmente conseqüente quando dialoga com a crítica. Criticar supõe desprender-se do ritmo acelerado das mudanças atuais, a fim de obter uma posição de distanciamento e conectar-se com o tempo da história, que tem passado, presente e futuro. Ou seja, nos cabe transmutar o tempo acelerado para dar, ao tempo, o tempo que a atitude crítica exige.

A arte tem o potencial do tempo da crítica, considerando que ali se encontra um feixe de luz ela pode ser incluída em um Programa Preventivo. A arte como a crítica, tenciona a noção de tempo. E tem lugar para o jornalismo dentro de um Programa Preventivo? Eu apostaria nas potencialidades da narrativa jornalística. Há histórias para serem contadas e não faltam recursos técnicos. Não importa se em



papel, jornal ou revista, se em imagens, documentários ou na tevê, uma narrativa sensível e verdadeira que dê conta do outro como diferente, mas não desigual, é revolucionária. E ela provém, sempre, de uma atitude crítica e de provocação com a ordem do tempo.

A Universidade Pública tem uma grande responsabilidade no exercício da crítica e no modo de lidar com a noção de tempo. Aqui é o lugar, por princípio, de experimentar, criticar, inventar e acho que é o que vocês estão fazendo quando produzem uma revista de laboratório com a qualidade da *Curinga*, e aprovam um Programa de Mestrado com a qualidade do Temporalidades da Comunicação.

Quero agradecer novamente por estar aqui e desejar que o quadragésimo sexto programa de pós-graduação em comunicação no Brasil, em Mariana, da Universidade Federal de Ouro Preto seja muito exitoso e que marque positivamente a história de vida de cada um de vocês, contribuindo para nossa compreensão sobre o tempo e espaço em que vivemos.

Referências Bibliográficas

BERGER, Christa; ALMEIDA, Charles Florczak. Notícias do Brasil: o jornalismo e o tempo presente. In: **Jornalismo, cultura e sociedade. Visões do Brasil contemporâneo.** FREIRE FILHO, João; COELHO, Maria das Graças Pinto (org.). Porto Alegre: Sulina, 2004.

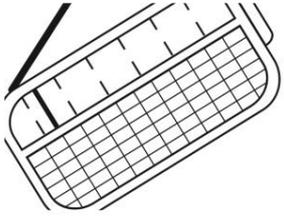
BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas.** São Paulo: Brasiliense, 1990.

JAMESON, Fredric. **Teorias do pós-moderno e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994.

HERRSCHER, Roberto. **Periodismo Narrativo.** Santiago do Chile: RIL Editores, 2009.

RAMONET, Ignacio. **A explosão do jornalismo. Das mídias de massa à massa das mídias.** São Paulo: Publisher Grasil, 2012.

SEVCENKO, Nicolau. **Virando séculos. A corrida para o século XXI no loop da montanha-russa.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.



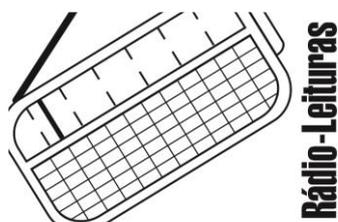
Rádio-Leituras

Comunicação, cultura midiática e jornalismo: afinidades dissonantes

Christa Berger

SODRÉ, Muniz. **A Ciência do Comum. Notas para o método comunicacional.** Petrópolis: Vozes, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **Os Inimigos Íntimos da Democracia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.



Abstract

This text reproduces the opening speech of the Graduate Program of the Federal University of Ouro Preto. Focuses on three specific points. The first discusses the importance of this program, framing it in postgraduate scenario in communication in Brazil. It presents arguments about the significance of the program has been designed as a specificity when structured itself around the notion of temporality. On the second point, there is the approach of the centrality of communication in society, recognizing that the technological leap made in the twentieth century made an impact, mainly in the sectors of communication and information. On the last point down the value of examining journalism in historical perspective and its adaptation to the digital revolution. Questions, emphasizes and provides examples of the need for dialogue with society to then be able to redesign its place of prime source of information and mediate the events.

Keywords: Journalism; Temporalities; Communication; Mediatic Culture

Resumen

Este texto haz una reproducción de la charla de apertura de la Maestría en Comunicación de Universidad Federal de Ouro Preto. Su enfoque es en tres puntos específicos. En el primero trata de la importancia de este programa, insertándolo en el escenario del posgrado en comunicación de Brasil. Presenta argumentos sobre la significancia de ese programa haber sido ideado como una especificidad ya que se constituye alrededor de la noción de temporalidad. En el segundo punto, surge el abordaje de la centralidad de la comunicación en la sociedad, reconociendo que el salto tecnológico que se ha dado en el Siglo XX ha causado impacto, principalmente, en los sectores de comunicación e información. En el último punto establece el valor de examinar el periodismo desde una perspectiva histórica y su adecuación a la revolución digital. Cuestiona, enfatiza y ofrece ejemplos sobre la necesidad de dialogar con la sociedad para que, entonces, se pueda redibujar su lugar de fuente privilegiada de la información y mediar a los acontecimientos.

Palabras Clave: Periodismo; Temporalidad; Comunicación; Cultura Mediática